

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

NUVENS

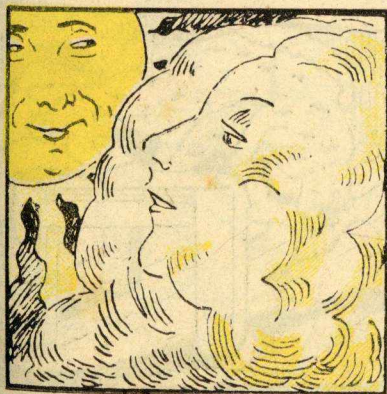
Por LAURA CHAVES

Desenhos de A. CASTAÑE

Para os lados do nascente
uma nuvem côr de rosa,
leve, fina, vaporosa,
irisada, transparente,
enfeitava o céu azul.
Mas, nisto, outra, mais escura,
negra, como a desventura,
surgiu das bandas do sul.
O céu, porém, só olhava
a graça da nuvem linda
e não tinha dado ainda
que a outra se aproximava.
Enlevado em sua côr
disse o céu: — Na Natureza
és tu a maior beleza
da obra do Criador.
Sem ti, só azul havia,
e um céu só azul é triste!
mas, desde que tu surgiste,
quebrou-se a monotonia.
Tôda a minha imensidade

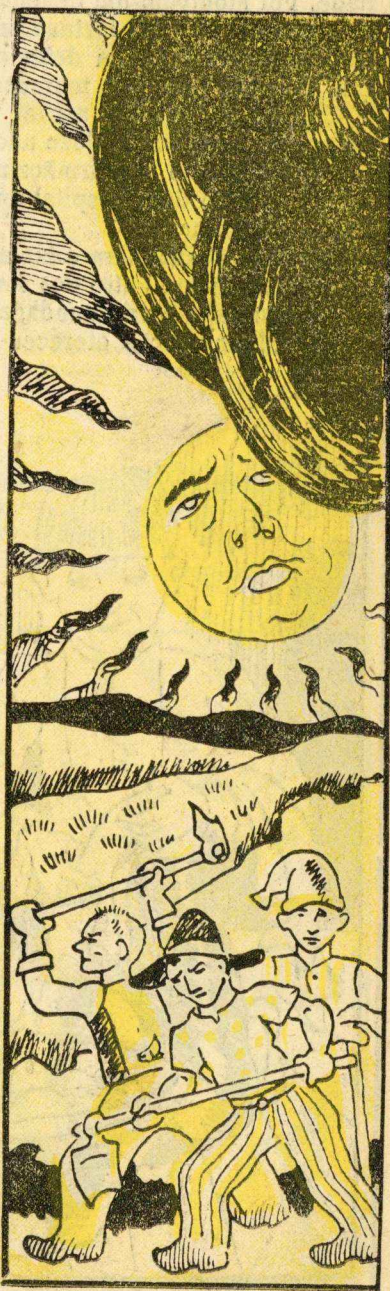
que a tua graça beijou,
té parece que ficou
com maior diafaneidade! —
E o céu rematou, sorrindo,
a sua contemplação:
— Os Homens trabalharão,
assim, num dia tão lindo,
com mais fé, mais alegria,
mais coragem, mais constância!
Tem uma grande importância
no trabalho a côr do dia! —

Mal êle tinha acabado,
chega a nuvem tempestuosa
e adeus nuvem côr de rosa,
todo o céu ficou toldado!
A partir dêsse momento
os Homens, naturalmente,
trabalharam tristemente
naquele dia cinzento.



E' verdade comprovada
o que esta história descreve:
— «atrás duma nuvem leve,
vem sempre a nuvem pesada».

F I M



A M O R FRATERNAL

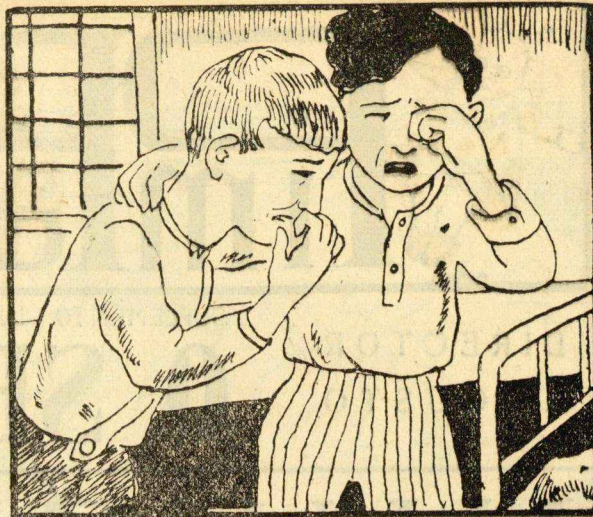
Por J. F. S.
Desenhos de A. CASTANÊ

A Academia das Ciências, de Paris distribue, todos os anos, prémios em dinheiro às pessoas, que, durante esse tempo, praticam actos de bondade. Foi Montyon, um benemérito, quem deixou, em testamento, uma fortuna suficiente para manter esses prémios. Um deles coube a duas crianças. Vejamos porque o mereceram:

Emílio e Augusto Tascnet tinham, o primeiro, quinze e, o segundo, doze anos. Encontraram-se um dia sós com um irmãozinho de quatro anos diante do leito dum hospital em que sua mãe acabava de expirar.

Seu pai abandonara o lar não se sabendo onde estava. Levou um outro dos seus filhos, que assim ficou destinado à vagabundagem.

A Administração ofereceu-se para recolher o



mais pequeno. Emílio e Augusto recusaram; reservavam para eles a primazia de protectores naturais. —Fá-lo-eis viver— responderam — mas êle não terá família.

Ei-los no seu pobre quartinho com inteligente solicitude, suprimindo o pai ausente e a mãe que não voltará. Cuidam do pequeno, vestem-no, dão-lhe de comer, conduzem-no ao asilo e trabalham numa fábrica vizinha, voltando à tarde para se deitarem; A morta pode dormir em paz.

Mas isto ainda não é tudo. Três anos depois, o irmão ausente, abandonado pelo pai, aparece, sem casa e sem pão. Tem agora doze anos, não trazendo outra coisa que não seja a ignorância e a fome. Emílio e Augusto tomam-no também a seu cargo.

A Academia entendeu tratar como *homens* estas crianças que poucos homens igualam em sentimentos generosos. Deve juntar-se que a Academia foi vantajosamente acompanhada pelo excelente Director da fábrica onde os nossos heróis ganharam o sustento e o de seus irmãos, pois lhes distribuía salários excepcionais de acôrdo com a sua conduta.

F I M



CONTOS DAS MIL E UMA NOITES

Por JOSÉ TEIXEIRA JÚNIOR

MARIA Eugénia era uma pequenita muito linda e muito rábina, que, talvez devido à traquinice, adoeceu gravemente.

Foi um alvoroço em sua casa entre a sua família, que a adorava, e também entre as suas amiguinhas que por ela tinham grande simpatia e estima.

Maria Eugénia doente — era uma desgraça: a felicidade dos seus ficava interrompida: em sua casa não era possível nenhum bem-estar; os hábitos de todos tinham que ser alterados; os cuidados, os trabalhos, os sustos não deixavam sua família e pessoas amigas viver um momento tranquilo.

Não sabemos que doença era a da linda menina. Mas sabemos que depois de algumas semanas terríveis, passadas entre a vida e a morte, ficou tão abatida, tão triste, tão vencida, que o próprio médico declarou ser esse abatimento e essa tristeza tão graves como a própria doença que os motivara.

Não comia, não ria, nem sequer falava — a pobre doentinha.

E o médico declarou:

É preciso alegrar, de qualquer modo, Maria Eugénia. Usem de todos os artifícios, de todos os brinquedos, de todas as histórias, de todas as ilusões e de todos os enganos, porque senão...

E fazia um tregeito inquietante.

* * *

Ora Maria Eugénia, tinha ainda viva a sua avózinha materna, velhinha, muito velhinha, mas encantadora com seus cabelos brancos, sua cara meiga toda engelhada, seus modos bondosos e complacentes, e seus vestidos antigos, muitos antigos, dos quais não havia memória nos figurinos e nas casas de modas.

E a avózinha de Maria Eugénia mal ouviu a recomendação do médico, jurou a si própria, não abandonar a cabeceira da netinha doente, enquanto não a visse completamente restabelecida.

Era preciso contar histórias? Ora! ela sabia tantas! E era tão inteligente e culta que nada custaria inventar as que fossem precisas.

E nesse mesmo dia despertou a curiosidade de Maria Eugénia para umas lindas histórias: *Contos das mil e uma noites*.

— Conte, avózinha, conte — Pedeu a pequenita.

E o conto começou com tal imaginação e tanta graça como se fosse a própria Scheherazada a contá-lo.

E então a velhinha descreveu coisas lindas, tudo quanto cabia da sua experiência, e das suas leituras.

Recordações da infância e da mocidade distantes, relatos de guerras, de acontecimentos célebres. Mas do que Maria Eugénia mais gostava era de ouvir falar de outros países, de outros povos, de outros costumes, que existiam espalhados pelo Mundo e ela não compreendia como podiam ser diferentes dos nossos.

Observando esta inclinação, a velhinha concentrou a sua fantasia em coisas orientais e os seus *Contos das mil e uma noites* transformaram-se num autêntico encantamento oriental.

Vieram as pirâmides misteriosas, o Nilo com sua história de encantos, as palmeiras de recortes graciosos, as caravanas nos areais do deserto, os oásis floridos, os povos bárbaros e de côres diversas, exóticas plantas e desconhecidos animais, enfim um Mundo completamente diferente daquele que Maria Eugénia conhecia em seus verdes anos.

Depois vieram a Índia e a China. A Índia com suas baíadeiras, seus deuses, suas cartas, seus príncipes. E a China com suas cidades de sonho, suas planícies verdejantes, seus terríveis piratas.

E falou ainda do Japão, o país mais belo do mundo, e de Java, onde os homens são da cor do bronze e as mulheres ostentam bizarramente os seus costumes e a sua formosura.

* * *

Os contos duraram muitos dias... e muitas noites, pois era sempre tarde quando a pequenita deixava sua avó retirar-se para os seus aposentos.

(Continua na página 7)



INCONVENIENTES DE MANDRIA

Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. CASTANE

TENHO muita pena, meus queridos amiguinhos, de não poder publicar no *Pim-Pam-Pum*, a primeira carta daquele menino Gigi, que, certo dia, — não se lembram? teve a veleidade, por sêr muito guloso, de querer comer êste Anão!

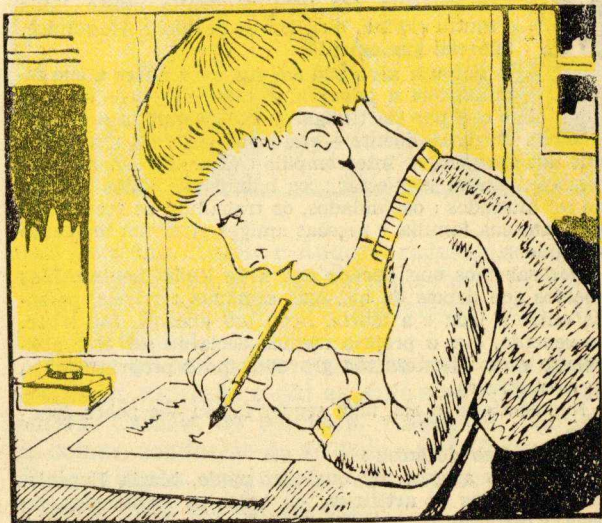
Pois o Gigi, que por sinal se chama Jorge, — que lindo nome, hein? — já pode ter a satisfação de aqui ler o seu verdadeiro nome, que muito o honra, e sabem porquê?

Porque deixou de ser guloso, segundo êle afirma na tal cartinha ao amigo Anão, e porque a escreveu, tendo, unicamente, quatro meses de ensino!

Calculem, os meus meninos, a alegria dos pais, dos avós e do Anão Sabichão, por verem que o Jorge se adianta desta maneira!

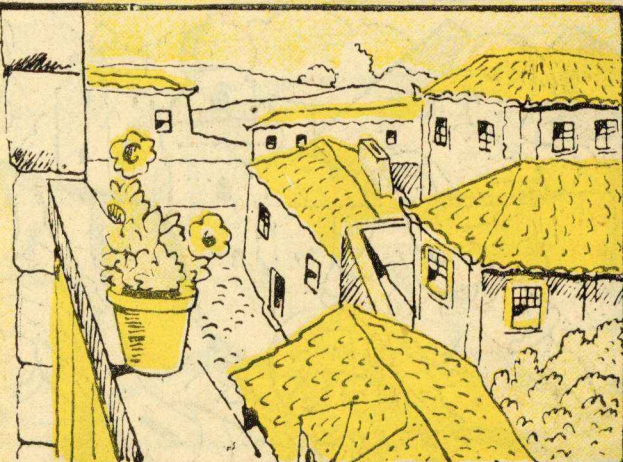
E agora que se deixou das gulodices que tanto mal lhe faziam, o nosso amigo Jorge virá a ser, certamente, um rapazinho exemplar.

— Este Anão tudo adivinha,
e já vê sua carinha,
muito alegre e bonitinha,
ao ouvir lêr, com atenção,
o que aqui escreve êste Anão.
Ainda quero acrescentar
que é bom o Jorge pensar,



— nunca disso se esquecer! —
que além de ler e escrever,
se lembre do prometido,
— tome disso bem sentido! —
não coma doces demais,
porque faz zangar os pais,
e as tripas, numa questão
começam, tão-badalão!
e assim, nesse torvelinho,
põem o Jorge doentinho! —

Já que estou com a mão na massa, quero eu dizer, estou pondo em pratos limpos a vida dum menino que deixou de ser guloso, e escreve cartinhas tão lindas, que muito envaidecem êste seu



amigo, vou, também, perguntar à menina Maria Rosa, — por esta é que ela não esperava! — porque motivo não imita este Jorge tão estudioso?

Há mais, muito mais tempo que o Jorge, anda a Maria Rosa a aprender e ainda não é capaz de escrever duas palavrinhas a este Anão que tanto gosto teria de as receber?

E há um certo Luizinho que vive para os lados de Bemfica, esse, então, não ata nem desata! Quere lá saber de leituras e de escrituras, o grande mandrião!

Ora, os meninos que não são criados para burrinhos, que trabalham acarretando pesos e pesos, para que servirão quando fôrem homens, se não querem aprender em pequenos?

Não há vergonha maior!

Este Anão, daqui para o futuro, vai tomar uma resolução enérgica, para evitar os mandriões!

Proibição absoluta de se ler o *Pim-Pam-Pum* aos meninos que já devem saber ler!

E esta? Que lhes parece?

Estou daqui a ver as mãis e os manos mais velhos a aprovarem esta idéa?

Calculem, seus mandriões, se não vale a pena estudar!

A um rapazinho, também no vosso género, aconteceu, um dia, uma partida que lhes passo a contar, para vocês todos verem os inconvenientes da mândria.

Esse tal rapazinho viu na rua, caído, um papel que apanhou.

Desdobrou-o, olhou para as letras que nele estavam escritas, mas por não saber ler, nada entendeu do que êle dizia.

A sua ignorância não tinha desculpa, porque há uns poucos de meses os pais o haviam mandado para a escola; gastaram dinheiro para o educar, os professores esforçaram-se por o ensinar, mas êle não aprendia, sempre distraído, sem se importar com o mal que causava aos outros e a si próprio.

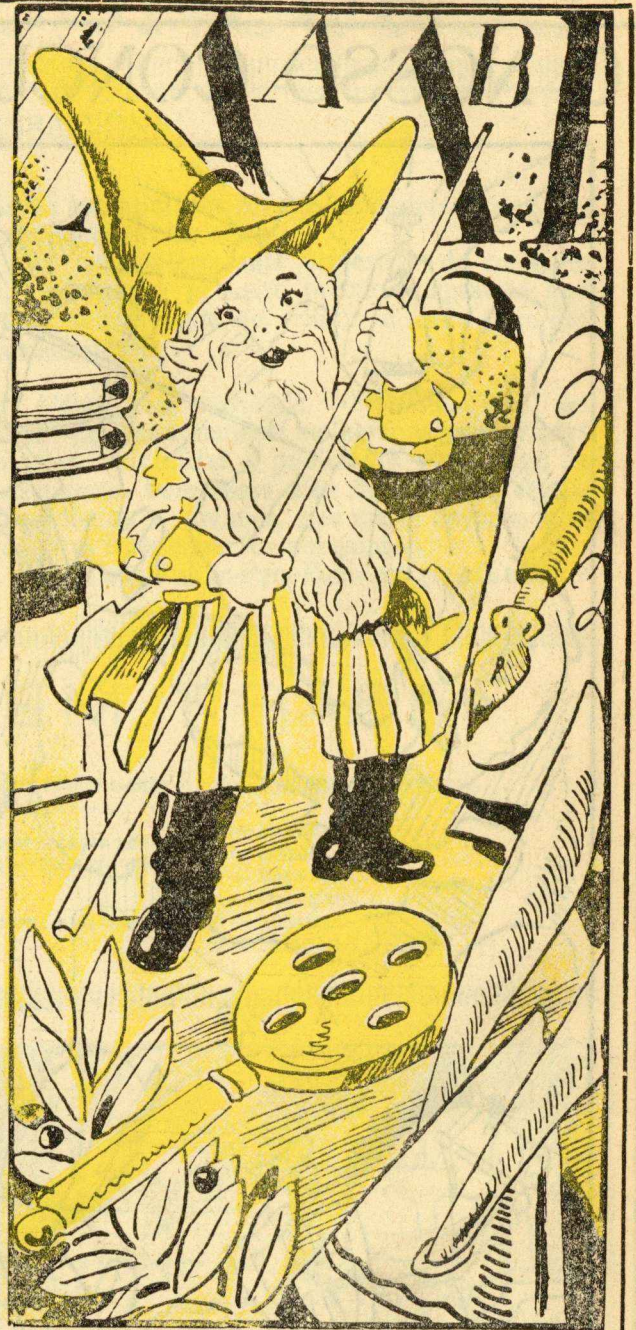
Ao chegar a casa, cheio de curiosidade, mostrou à mãe o papelinho e ela disse-lhe, severa:

— Para teu castigo, digo-te do que se trata!

E' um bilhete para a *matinée* do Coliseu que se realizou hoje. Alguém o perdeu e, se tu souberes ler, podias tê-lo aproveitado.

Assim, ficaste a chuchar no dedo! E' bem feito! Vai vendo a falta que faz não saber ler nem escrever!

Como a mãe do tal rapazinho ralaço, também este Anão recomenda a tôdos os meninos que, por descuido ou preguiça, não se adiantam nos



seus estudos, que se lembrem dos inconvenientes que isso lhes trás à vida!

Tomem o exemplo do Jorge, tão estudioso, e que me deu uma tão grande alegria, com a sua cartinha, já tão bem escrita!

■ ■ F I M ■ ■

Está á venda o livro

AS 4 IDADES

AUGUSTO DE SANTA-RITA

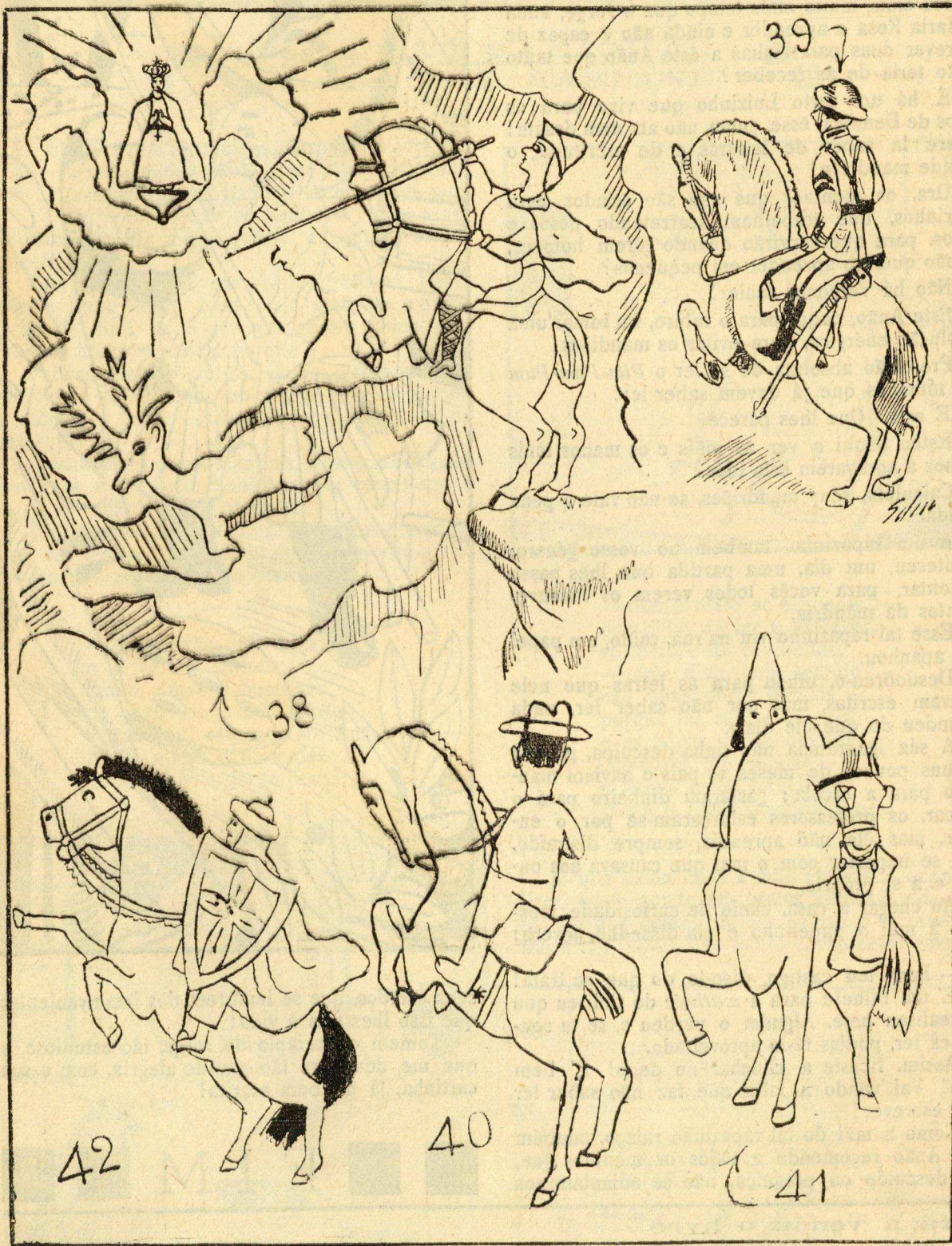
PEÇA RADIOFONICA NUM ACTO, EM VERSO DE

e que a Editorial-Seculo pôs á venda

PEDIDOS A' ADMINISTRAÇÃO D'«O SECULO»

PREÇO ESCUDOS 2\$50

O NOSSO CONCURSO DE DESENHO



38 — Lenda da Nazaré, por António Joaquim Coelho Ventura. 39 — por Eduardo Augusto Luna. 40 — Luiz Augusto Feio de Lemos 41 — José Duarte Custódio.

Por haver muitos concorrentes com valor aproximado, fizemos um sorteio entre os classificados, cabendo o prémio ao n.º 15 de Simão Andrade. Os classificados são: Fernando Correia, António Coelho Ventura, Francisco Lopes de Souza, José Duarte Custódio, D. Rufa José da Costa Silveira, António de Oliveira, Maria Irene Tomás. Dêstes, far-se-há segundo sorteio, para apurar 3 concorrentes com direito à publicação do retrato.

Recebemos também bastantes desenhos dignos de louvor mas que, por não estarem dentro das condições do concurso, tiveram de ser desclassificados.

UM NOVO CONCURSO

REVELAÇÃO SENSACIONAL

Vamos dar hoje uma notícia agradável aos nossos pequeninos leitores: — O «Pim-Pam-Pum» vai iniciar a publicação duma série de construções para armar, que constituirão, no seu conjunto, **uma Vila completa** com seus edifícios municipais, escolares, comerciais e particulares.

A' medida que forem saindo essas construções, todos os nossos amiguinhos poderão ir acompanhando o desenvolvimento e progresso dessa pequena vila, edificada por vossas próprias mãos.

Quando concluída, os nossos pequeninos leitores mandarão tirar uma fotografia reproduzindo o seu aspecto geral, prova fotográfica com que participarão no grande concurso que vamos abrir.

Serão estabelecidos prémios tentadores que oportunamente revelaremos.

A' mais interessante disposição de conjunto, atribuiremos o primeiro prémio, disposição que ficará inteiramente ao critério e bom gosto dos concorrentes.

Além desta novidade, «Pim-Pam-Pum», no desejo de constantemente melhorar as suas variadas secções, vai iniciar a publicação duma série de engenhocas, bem como uma desenvolvida secção charadística, a prémios, que muito deverão interessar os seus inúmeros amiguinhos.

E' ou não o «Pim-Pam-Pum» um grande amigo?

CHARADAS EM FRASE

1 — Neste espaço de tempo, o curso da água arrastou na corrente o jornal —2—2.

2 — A notoriedade dêste tempo de verbo, no latir dêste cachorro, é apreçoada nesta terra portuguesa —2—1—1.

3 — Esta princesa sorria alegremente ao ver passar o regimento —3—2.

4 — A bôlha deste homem fazia pena, aos gritos, sôbre a cobertura da casa —2—1.

5 — Elogia êste pronome sem lisonja —2—2.

Solução das anteriores:

- 1 — Parede.
- 2 — Carola.
- 3 — Paparoca.
- 4 — Papagaio.
- 5 — Mónica.
- 6 — Picapáu.

CONTO DAS MIL E UMA NOITES

(Continuação da página 3)

E isso dava-se quando o sono a vencia de todo.

E cada manhã que despontava, ouvia-se a voz de Maria Eugénia:

— Avôzinha! Vem acabar o conto! Mas os contos não tinham fim. A doce velhinha estava resolvida a terminá-los somente quando a nêtinha estivesse restabelecida, livre de perigo.

Assim sucedeu. Um dia, Maria Eugénia já muito melhor, pediu a levassem ao Jardim e aí a avó continuasse a sua extraordinária narrativa, de vez em quando entrecortada por interrogações como estas:

— Onde aprendeste estas coisas tão bonitas, avôzinha?

— Tu viste isso?

— Mas êste conto foi verdadeiro?

A avôzinha respondia a tudo.

Um das coisas tinha visto, outras tinha lido. Mas tudo era verdadeiro, tinha existido ou existia.

E os contos continuavam, cheios de cor, de encantos, de maravilhas. Até as outras pessoas iam ouvir, até as criadas se sentiam atraídas.

Finalmente certo dia o médico declarou que Maria Eugénia estava livre de perigo, estava curada.

E, então terminaram os contos, que tinham levado vinte

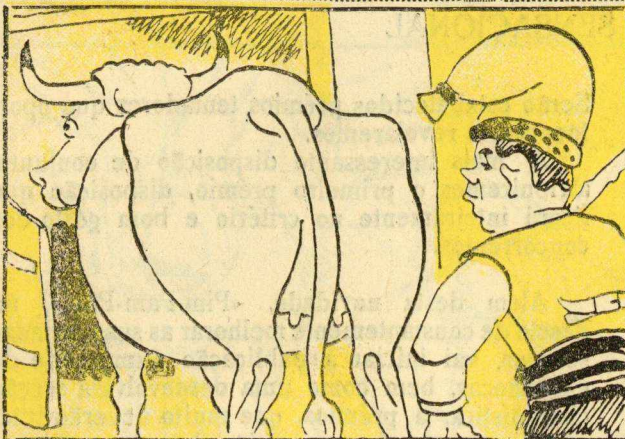


dias a contar. Sendo o último, o relato da passagem do Zeppelin sôbre os gelos do polo norte.

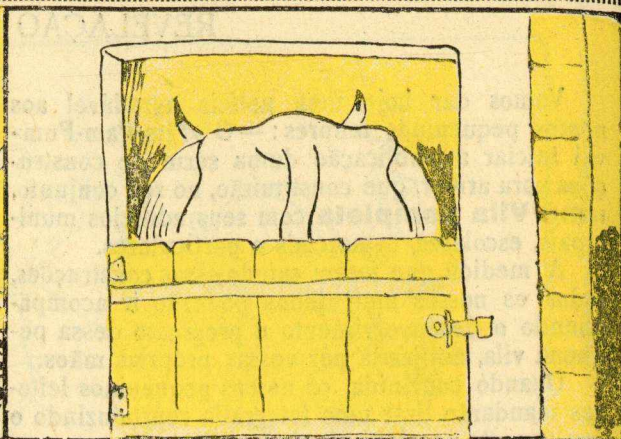
O pior, porém, é que Maria Eugénia continua ainda a pedir todos os dias, à sua querida avôzinha, outros Contos das mil e uma noites, e a avôzinha já não sabe o que lhe há-de responder...

■ F I M ■

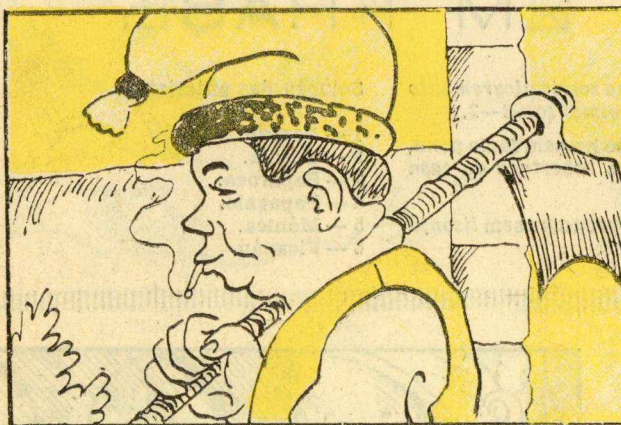
Uma partida do Chiquinho



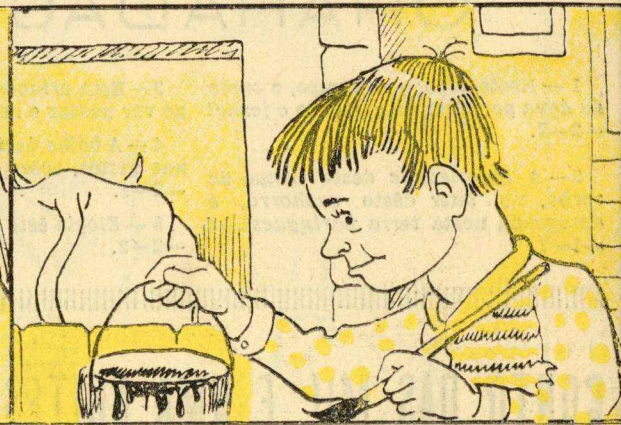
I — Tio Procópio conduz para o estábulo o seu gado há poucos dias comprado na grande feira da Luz.



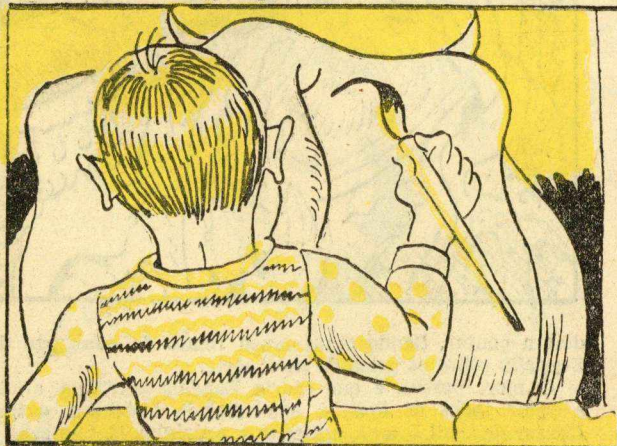
II — Procópio tem um sobrinho que constantemente peca por ser levado da breca e que se chama Chiquinho.



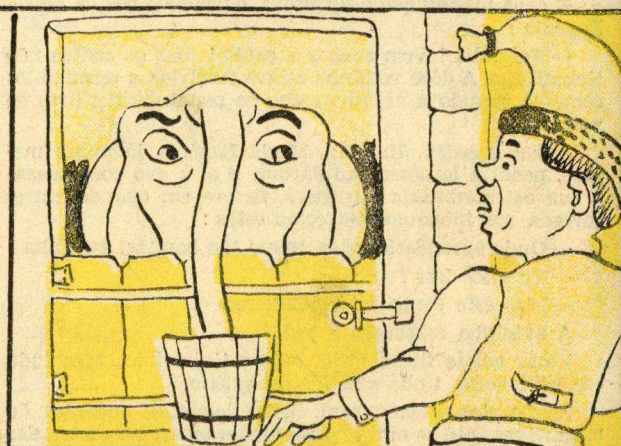
III — Ao ver, atrás da concela, a linda vaca: — *a Garrida*, planeia grossa partida, coisa porque êle se péia.



IV — Correndo a um canto da Quinta, — (o que magicará êle?!...) — volta trazendo um pincel e um balde cheio de tinta.



V — Então, como é natural, põe à prova o seu valor, seu jeito para pintor, duma forma original.



VI — Voltando, no mesmo instante, Tio Procópio embasbaca por ter deixado uma vaca e encontrar um elefante.